

O ICA E O(S) CÂNONE(S) DO CINEMA PORTUGUÊS

Cláudia Moreira¹

Resumo: O objectivo deste texto será analisar a atribuição de subsídios por parte do Instituto do Cinema e Audiovisual (ICA) entre 2004 e 2014, identificando os produtores e realizadores contemplados pelos seus concursos públicos. Em última análise, interessa compreender que política pública é promovida pelo ICA, nomeadamente que tendências e padrões têm contribuíram para a consolidação de um(ns) cânone(s) para o cinema português.

Palavras-chave: Instituto do Cinema e Audiovisual, Cinema Português, cânone cinematográfico, políticas públicas.

Contacto: cff.moreira7@gmail.com

O Instituto do Cinema e Audiovisual (ICA) é o sucessor do IPC (Instituto Português do Cinema), criado em 1973. Com o nome de Instituto de Cinema e Audiovisual existe desde 2007 até aos dias de hoje e é dotado de autonomia administrativa e financeira própria, embora tutelado pelo Ministério da Cultura. Tendo como missão apoiar o desenvolvimento das actividades cinematográficas e audiovisuais e apoiar o Governo na definição de políticas públicas para os sectores cinematográficos e audiovisuais, o ICA é actualmente o principal financiador de cinema em Portugal. À semelhança dos que sucedeu com os seus predecessores (IPC, IPACA e ICAM), desde 2007 que o ICA também tem sido acusado por vários agentes de beneficiar certos autores e produtores em relação a outros, instalando uma “ditadura estética” na história do cinema português.

Esta investigação, realizada para a disciplina de Cinema Português do Mestrado em Cinema da Universidade da Beira Interior, regida por Paulo Cunha, tem por objectivo analisar apenas os concursos de apoio à produção promovidos pelo ICA entre 2007 e 2014, desconsiderando os outros apoios, nomeadamente apoios à pré-produção e pós-produção, assim como apoios para a distribuição e exibição.

Em linhas gerais, os concursos de apoio à produção do ICA estão divididos em três categorias: longas-metragens; curtas-metragens de ficção e curtas-metragens de animação; e documentários. Dentro de cada uma destas categorias existem ainda

¹ Licenciada e Mestranda em Cinema pela Universidade da Beira Interior.

algumas subdivisões, como as coproduções com outros países (PALOP, Protocolo luso-brasileiro, Co-produção minoritária com países europeus e, desde 2014, o Protocolo Luso-francês).

Ao longo dos oito anos desta análise, e tendo em conta que num deles (2012) não abriram os habituais concursos de apoio à produção, o ICA financiou 330 projectos, dos quais 4 foram cancelados (com um valor total de 397 500€), distribuindo um total de 52 729 293,53 € (cinquenta e dois milhões, setecentos e vinte e nove mil, duzentos e noventa e três euros e cinquenta e três cêntimos).

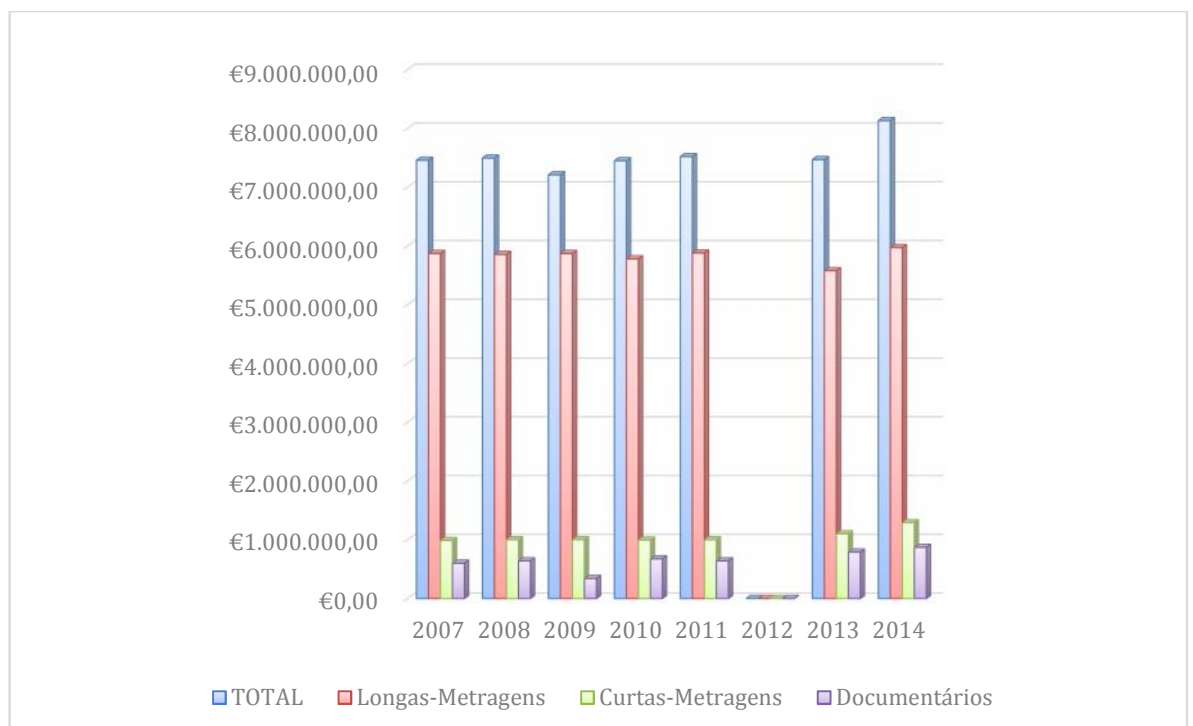


Gráfico 1 - Total de Dinheiro Atribuído, por ano, a Longas-Metragens, Curtas-Metragens (Ficção e Animação) e a Documentários e no seu conjunto.

Como demonstra cabalmente o gráfico anterior, a maioria do dinheiro é atribuído a projectos de longas-metragens. Anualmente, o valor concedido a apoios de produção ronda os sete milhões e meio de euros, dos quais pelo menos cinco milhões são atribuídos a longas-metragens (quase 70%).

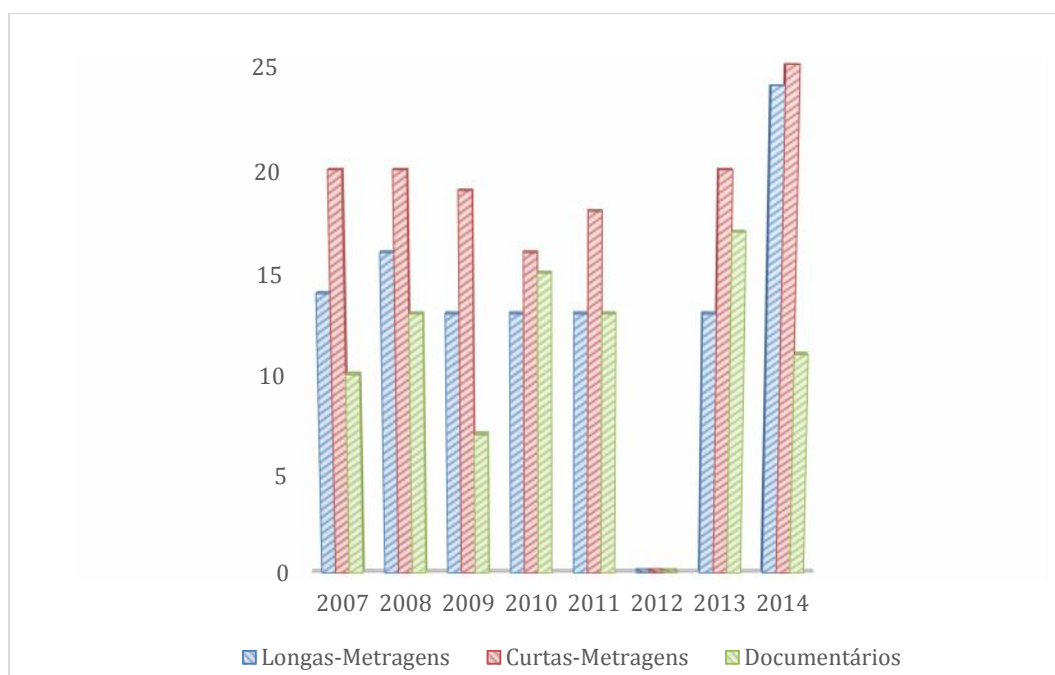


Gráfico 2 - Quantidade de Projectos Apoiados, por ano, para Longas-Metragens, Curtas-Metragens (de Ficção e de Animação) e Documentário

Também por ano, são cerca de 40 projectos apoiados, de onde apenas um terço são longas-metragens, isto é cerca de 30%. A categoria dos documentários, à excepção de 2010 e 2013, é por norma a categoria com menor número de projectos apoiados. No pólo oposto, a categoria das curtas-metragens de ficção e de animação é a categoria que vê anualmente mais projectos apoiados. Este é um dado bastante interessante, por esta ser precisamente a categoria com mais candidaturas e com uma média de montante por projecto mais reduzida. Ao longo do período em análise, apenas nos dois últimos anos é que esta categoria ultrapassou o montante simbólico do milhão de euros.

Mas um dos dados mais impressionantes desta análise é relevado pela seguinte tabela, onde o montante total é distribuído pelos produtores.

Produtores	Projectos	Montante
O Som e a Fúria	29	6 245 613.38 €
Filmes do Tejo II	22	4 616 300.00 €
MGN Filmes	6	3 502 071.64 €
Alfama Filmes	7	2 817 000.00 €
Clap Filmes	8	2 492 000.00 €
Fado Filmes	13	2 172 693.70 €

David & Golias	13	1 865 500.00 €
CRIM	17	1 812 500.00 €
Ukbar	10	1 753 265.04 €
Terratreme	17	1 681 500.00 €
	142	28 958 443,76 €

Tabela 1 – Número de Projectos financiados e montante às 10 produtoras que receberam mais fundos, entre 2007-2014.

Em relação ao número de projectos que foram financiados, entre estas produtoras, podemos afirmar que representam 142 filmes de um total de 330 apoiados, num montante total de cerca de 55% dos apoios atribuídos neste período.

Relativamente aos projectos que cada uma destas produtoras viu apoiados pelo ICA, esse número varia muito. Enquanto O Som e a Fúria teve apoiados 29 projectos (sendo assim, além da que recebeu mais dinheiro e que teve mais projectos apoiados), a MGN Filmes apenas teve seis projectos financiados, ficando no entanto em terceiro lugar das produtoras com mais dinheiro recebido. Para se consolidar como a produtora com mais projectos apoiados e mais financiamento amealhado, O Som e a Fúria desenvolveu uma consistente política de diversificação na sua acção: começou por ser sobretudo uma produtora que se destacava nos projectos de curta-metragens, mas foi conquistando espaço nas categorias de longa-metragem com projectos de cineastas como Miguel Gomes (*Tabu; As Mil e Uma Noites*), João Nicolau (*A Espada e a Rosa; John From*), Ivo M. Ferreira (*Cartas da Guerra*), Salomé Lamas (*El Dorado*) e Manoel de Oliveira (*O Gebo e a Sombra*), mas também graças a uma política de internacionalização que trouxe até Portugal importantes cineastas internacionais (o francês Eugene Green ou o brasileiro Filipe Bragança) ou a garantir financiamento estrangeiro para cineastas portugueses, nomeadamente o caso Miguel Gomes.

Não deixa de ser significativo que, no *top5*, três das produtoras tem um perfil mais “clássico”, ou seja, que receberam quase exclusivamente apenas apoios na categoria das longas-metragens (MGN Filmes, Alfama Filmes e Clap Filmes). A propósito destas duas últimas convém ressaltar que se trata de duas produtoras detidas por Paulo Branco (a Clap Filmes sucedeu à Alfama Filmes, que encerrou a sua actividade) que, se somados os montantes recebidos em ambas as produtoras, seria o

segundo produtor com mais dinheiro atribuído, com pouco mais de cinco milhões de euros.

No que toca aos realizadores, a situação é semelhante, como poderemos ver nas tabelas subsequentes.

Realizadores	Montante	Projectos
António-Pedro Vasconcelos	2 000 000.00€	3
Luís Filipe Rocha	1 627 813.38€	5
Teresa Villaverde	1 530 000.00€	4
Manoel de Oliveira	1 400 000.00€	2
Joaquim Leitão	1 400 000.00€	2
João Canijo	1 370 000.00€	4,5
João Botelho	1 369 500.00€	5
Raúl Ruiz	1 345 000.00€	2
Fernando Lopes	1 330 000.00€	2
Edgar Pêra	1 289 500.00€	4

Tabela 2 – Dez Realizadores com mais financiamento, entre 2007-2014.

Dos cerca de 210 realizadores apoiados, não deixa de ser significativo que o *top10* tenha recebido 14 661 813,38€ (catorze milhões, seiscentos e sessenta e um mil e oitocentos e treze euros e trinta e oito cêntimos), mais de um quarto do valor que foi atribuído entre 2007 e 2014.

O realizador que recebeu mais dinheiro por parte do ICA nos consuros de apoio à produção durante os oito anos em análise foi António-Pedro Vasconcelos, que com apenas três projectos – *A Bela e o Paparazzo*; *Os Gatos não têm vertigens*; *Morrer por Amor* (entretanto estreado com o título de *Amor Impossível*) – conseguiu obter a soma de dois milhões de euros.

Tirando Edgar Pêra, que sempre teve um lugar à parte no cinema português, e Raul Ruiz que é estrangeiro, a generalidade dos realizadores mais apoiados pertenceram ao núcleo do Novo Cinema Português (António-Pedro Vasconcelos, Fernando Lopes) ou a cineatas posteriores que se inscreveram nessa tendência estética (João Botelho, João Canijo, Teresa Villaverde).

Desta lista, destaca-se também os nomes de João Botelho e João Canijo. Ao primeiro foram atribuídos cinco apoios: as longas de ficção *Filme do Desassossego* e *Os Maias*; os documentários *Para que o Mundo não acabe* e *Quatro*; e a curta de ficção *A*

Valsa. Canijo recebeu cinco, igualmente diversificados: as longas de ficção *Sangue do Meu Sangue* e *Caminhos da Alma*; os documentários *Fantasia Lusitana* e *Guia de Portugal* (que estrearia com o título *Portugal – Um dia de cada vez*) e a curta ficcional *No dia do meu casamento*, co-realizada com a actriz Anabela Moreira.

Também interessante é o caso de Manoel de Oliveira, o realizador português mais conhecido e falado. Entre 2007 e 2014, o decado no cinema português obteve financiamento apenas para dois projectos (*O estranho caso de Angélica*; *O Gebo e a Sombra*), numa soma certa de 1 milhão e 400 euros, sendo setecentos mil euros para cada um deles. No entanto, neste mesmo período, o cineasta teve uma actividade menos regular e recebeu vários apoios privados e públicos para outros projectos, nomeadamente de curta-metragem: Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura financiou a curta ficcional *Conquistador Conquistado*; Fundação de Serralves financiou a curta ficcional *Painéis de São Vicente de Fora – Visão Poética*.

Outro indicador possível é a lista ordenada pelo número de projectos aprovados:

Realizador	Projectos	Financiamento
João Botelho	5	1 369 500.00€
Joana Toste	5	135 480.00€
João Pedro Rodrigues	5	1 004 500.00€
Luís Filipe Rocha	5	1 627 813.38€
João Mário Grilo	4	792 500.00€
João Nicolau	4	1 090 000.00€
João Salaviza	4	669 000.00€
João Canijo	4	1 370 000.00€
Edgar Pêra	4	1 289 500.00€
Rodrigo Areias	4	187 000.00€
Teresa Villaverde	4	1 530 000.00€
Manuel Mozos	4	786 000.00€
Marco Martins	4	1 199 000.00€

Tabela 3 – Treze Realizadores com mais projectos financiados, na totalidade dos anos.

Nesta lista, não deixa de se destacar os casos dos realizadores Joana Toste e Rodrigo Areias. Apesar de ter sido dos realizadores com mais projectos apoiados, Joana Toste conseguiu obter financiamento para 5 projectos (*Voa Voa*, *Num Prédio de Lisboa*; *R-XYZ*; *Quem é Este Chapéu?*; *Ana (Um Palíndromo)*; *A Gruta de Darwin*), mas apenas a soma de cerca de 135 mil euros, já que se trataram de projectos de curtas-metragens

de animação. Por outro lado, Rodrigo Areias venceu 4 concursos de apoio à produção (*Estrada de Palha; O Cinema Morreu!; Na Memória do Presente; Hálito azul*) e recebeu apenas 187 mil euros, uma vez que três eram curtas-metragens de ficção e o último será um documentário. Curiosamente, o projecto *Estrada de Palha* acabaria por ser convertido em longa-metragem por iniciativa do realizador.

Curiosamente, fora destes dois *tops*, ficaram alguns dos nomes mais internacionais do cinema português: Miguel Gomes recebeu apoio para dois projectos de longa-metragem (*Tabu e As Mil e Uma Noites*), os únicos que solicitou nesse período, conseguindo com esses projectos um financiamento de 1 milhão e 200 mil euros; Pedro Costa recebeu três apoios (para os documentários *Ne Change Rien* e *Cem Mil Cigarros*, e a longa *Lamento da Vida Jovem*, estreado como *Cavalo Dinheiro*), totalizando cerca de 700 mil euros.

Algumas conclusões

Através da análise destes dados, acho que fica claro que há uma discrepância nos valores atribuídos tanto a certas produtoras como a certos realizadores. É perceptível que há um conjunto de realizadores ausentes destes apoios à produção do ICA entre 2007-2014, entre os quais os realizadores dos filmes ditos “comerciais”, como Leonel Vieira ou Nicolau Breyner, que só foram apoiados uma única vez neste período (para a longa *A Grande Jogada/Arte de Roubar* e a curta de ficção *Onde tá a tia?*, respectivamente), ou Carlos Coelho da Silva (realizador de *Amália – O Filme*, que somou 380 mil espectadores), Hugo de Sousa (realizador de *Morangos com Açúcar – O Filme*) e José Sacramento (realizador de *Filme da Treta*), que nunca receberam qualquer apoio.

Em relação às produtoras, acontece um fenómeno semelhante: a Stopline, produtora de Leonel Vieira, para além do apoio à longa *A Grande Jogada/Arte de Roubar*, só conseguiu apoio para dois projectos de co-produção com o Brasil como parceiro minoritário (*A Montanha*, de Vicente Ferraz; e *Budapeste*, de Walter Carvalho); a Jumpcut, de Miguel Gonçalves Mendes, só recebeu um apoio, no caso à produção do documentário *O Sentido da Vida*.

Concluindo, acho que é possível dizer que os apoios atribuídos pelo ICA são, em grande parte, parciais no que toca as suas escolhas. Também é claro que não houve uma evolução na gestão de contas do ICA, nem um aumento de dinheiro disponível para

distribuir por projectos. Uma vez que o seu orçamento provém de uma taxa aplicada à publicidade feita pela RTP1, SIC e TVI, será que essa falta de evolução acontece devido à crise económica e da retração do mercado publicitário nacional? Independentemente das alterações na inflação ou no valor da moeda, o valor financeiro que foi atribuído pelo ICA sempre se manteve, e a quantidade de projectos também sempre foi regular, apenas mostrando um ligeiro aumento, nos dois casos, no último ano.

Assim, torna-se evidente que o ICA, através dos concursos de apoio à produção, é o principal financiador de cinema em Portugal. Sendo um organismo público, o ICA acaba por ser também o principal instrumento de políticas públicas para o cinema. Ainda que se reconheça uma orientação, que tem vindo a privilegiar, *grosso modo*, os cineastas portugueses que mais reconhecimento internacional tem merecido, quer seja através da presença em festivais ou através de recepção crítica dos principais circuitos cinéfilos.

BIBLIOGRAFIA

ICA. (2004-2015). Sítio oficial do Instituto de Cinema e Audiovisual. Disponível em <<http://www.ica-ip.pt/>> . Acedido em 27 Novembro de 2015.